

77/12/24
O globo
p. 27

SRH
D4/17 21
(113)

Conversa com Prudente: 13 anos de Revolução

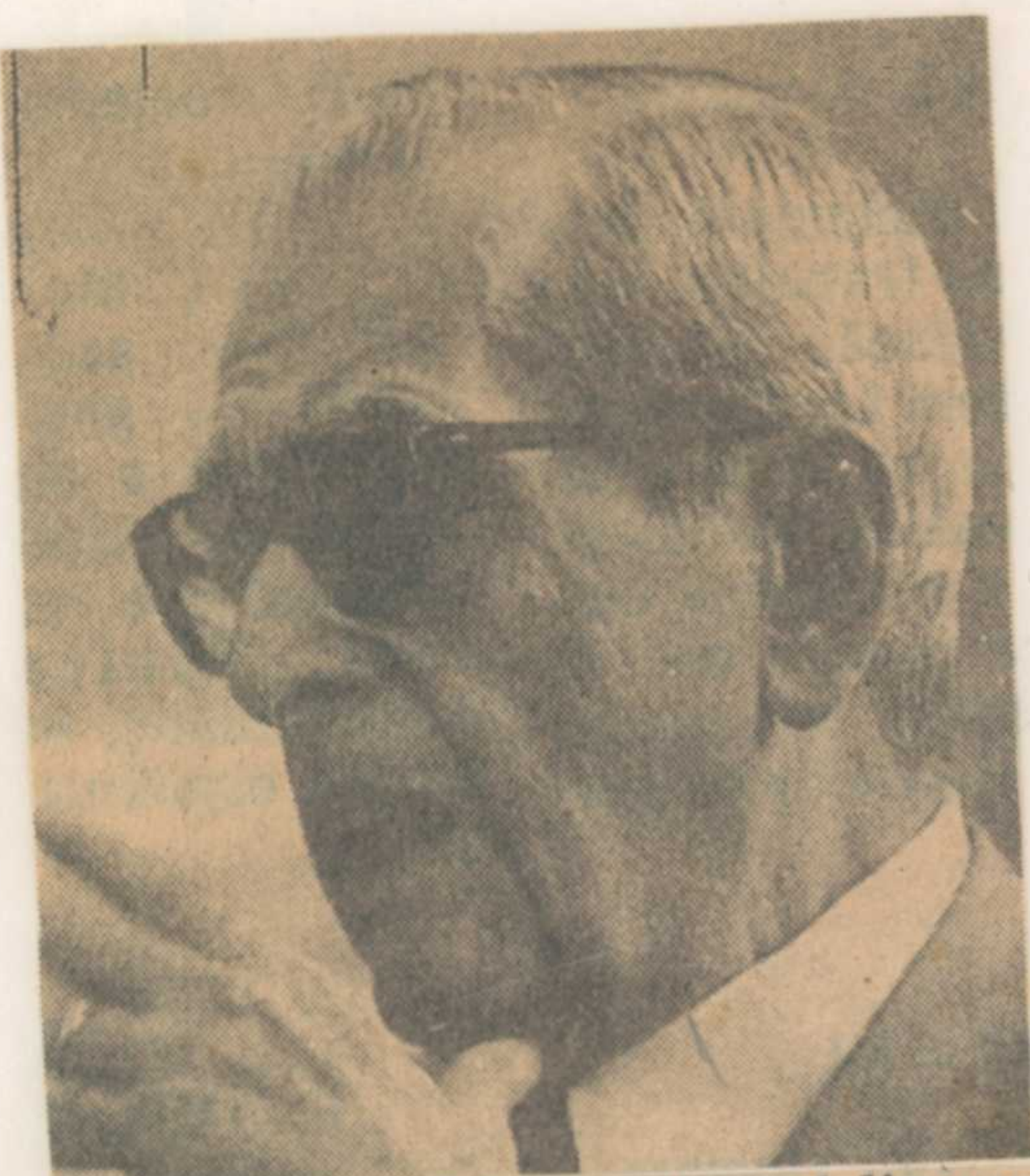
FERNANDO SABINO

O escritor Fernando Sabino foi amigo do jornalista Prudente de Moraes, neto, o Presidente da ABI, falecido esta semana. Em seu último

encontro com Prudente, Fernando Sabino teve com ele uma longa conversa, que lhe forneceu subsídios para um amplo trabalho jornalístico que pretendia realizar. Aqui estão as frases e impressões que ficaram daquele último encontro.



Prudente de Moraes, neto: "O idealismo acaba se impondo à realidade"



Não encontrou resposta. Literatura era "o conjunto de obras literárias de um país ou uma época", segundo os dicionários. E que eram obras literárias? Literatura era "a arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso". E que arte é essa? Que era prosa? Que era verso? Aquilo não bastava. E a paixão? E a cachorra? E a imaginação criadora? E a necessidade de comunicação? Robinson Crusoe, na sua ilha deserta, não passava o tempo escrevendo prosa ou verso, mas criando cabra ou apanhando coco: 3

Nosso convívio infelizmente nunca se fez tão freqüente como eu gostaria. Houve época em que se constituiu de telefonemas que eu lhe dava, alta noite, sabendo-o firme no seu posto, na redação do "Diário de Notícias", enquanto eu me perdia a escrever madrugada a dentro:

— Prudente, que horas são?

Era aquela hora em que "os bares se fecham e as virtudes se negam", como no verso de Drummond, "hora neutra da madrugada", do encontro com o Bebu de Rubem Braga: a evocação do grande poeta ou do grande cronista, ou ainda de outros amigos comuns, dava-nos motivo para divagações. As vezes ficávamos de conversa, até que ele voltasse a cumprir sua tarefa jornalística e eu me chafurdasse de novo na literatura.

Literatura — nossa paixão. A minha, que eu perseguia noite a dentro e "me mastigava os últimos restos da memória", como a cachorra de seu célebre poema; a dele, vivida desde antes que eu tivesse nascido e a espedaçar-lhe o coração, a ponto de levá-lo a desejar morrer:

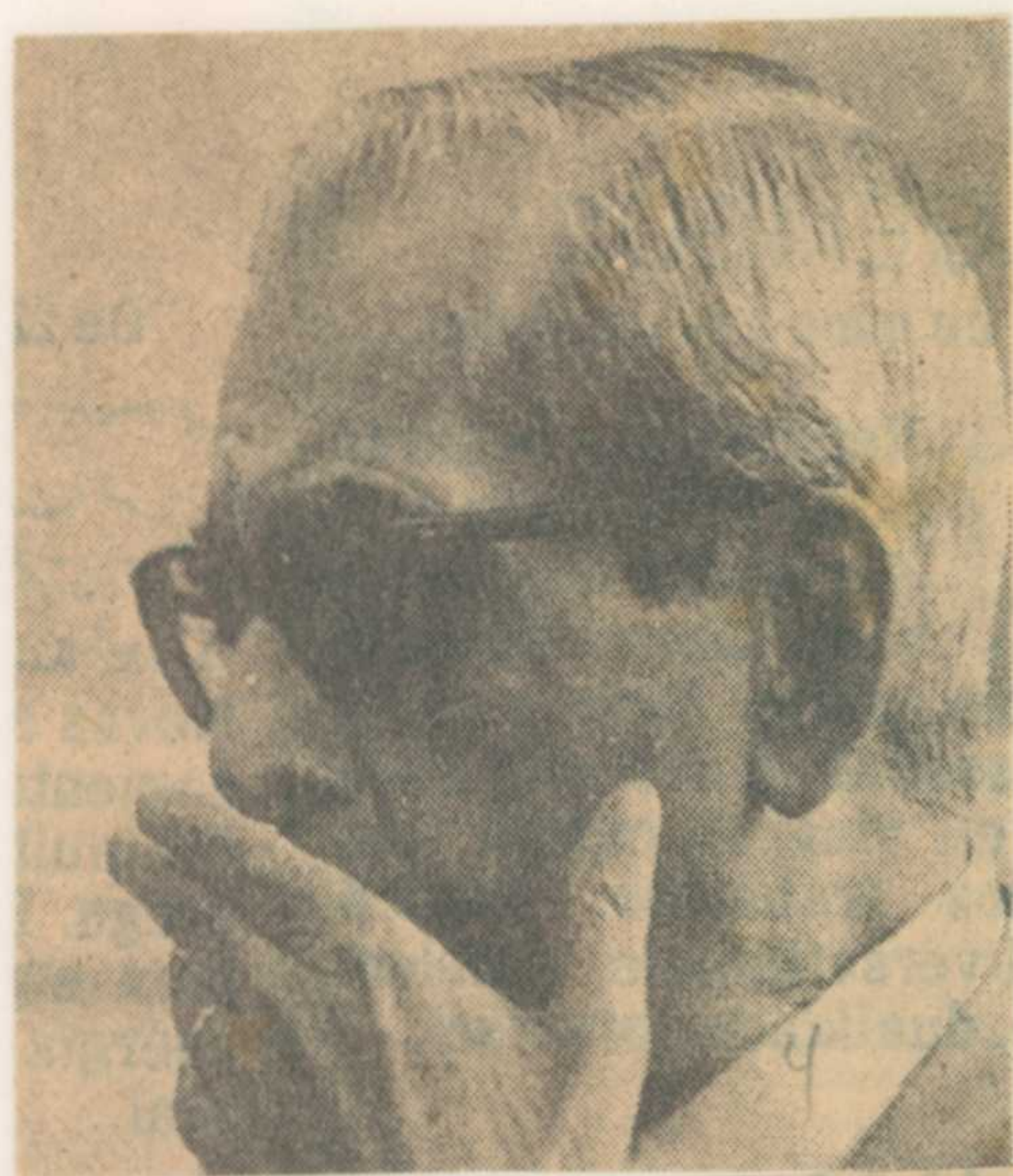
— Manuel, eu não posso mais.

Ele que comia, bebia, respirava literatura, não encontrava o seu caminho. Mas o poeta e irmão mais velho, Manuel Bandeira, apontou a escassez da própria obra ao fim de tantos anos, dizendo com a sua risadinha seca:

— E assim mesmo. Descobri que se passo muito tempo sem escrever, é porque as coisas estão indo muito bem. Até que um dia o escritor Pedro Dantas, poeta e contista bissexto (que adotara sem saber o nome de um antepassado) se viu reconvertido ao nome ilustre que quisera ocultar: Prudente de Moraes, neto (assim mesmo, com vírgula e n minúsculo, porque um antigo professor o convencera de que neto não era sobrenome, mas simples apostrofo). E professor ele próprio, na Universidade do Distrito Federal, catedrático de uma matéria chamada Técnica e Crítica Literárias — assim mesmo, no plural.

Que diabo vinha a ser isso? — perguntou a si próprio, trancado em seu gabinete de estudos, já às vésperas do início do curso. Não encontrara no Brasil ou no estrangeiro, onde quer que buscasse, nada em que pudesse basear seus estudos sobre a estranha matéria. Lembrou-se então de um conto de Monteiro Lobato, no qual uma empregada se tranca no quarto para rezar, inspirada no conselho do padre, segundo o qual devemos prestar bastante atenção às palavras da oração — não ir repetindo sem saber o que elas significam: Padre Nosso, que estais no céu... Padre: que quer dizer padre? E aquele homem de batina que está lá na igreja. Nosso — quer dizer que é meu e seu... E assim por diante.

— Técnica e crítica literárias. Técnica, evidentemente, queria dizer a maneira certa de fazer determinada coisa. Crítica era a verificação, nessa coisa, se a técnica foi convenientemente aplicada. E literatura? Que queria dizer literatura?

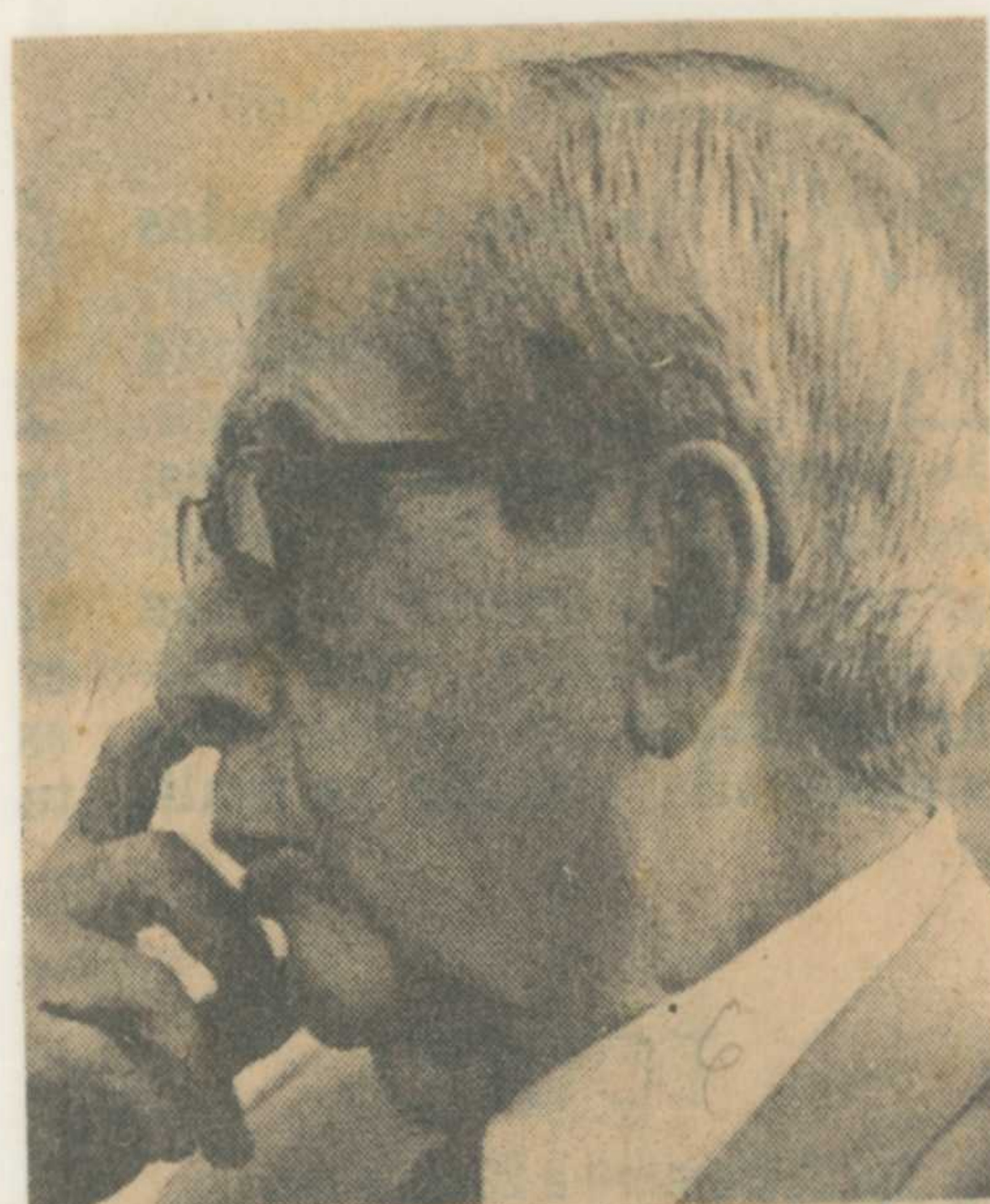


— Descobri que literatura não existe, senão em função da antropologia, da sociologia, da psicologia, da filosofia... 4

Há anos vinha escrevendo uma obra que, segundo ele, seria pretensão chamar de teoria do conhecimento, mas que deveria chegar até a literatura. E foi até onde nossa conversa chegou naquele dia:

— Temos de continuar a conversar — disse ele, olhos brilhantes, quando nos despedimos, já à porta do elevador. Ficamos ambos mobilizados pelo tema apaixonante, excitados como se falássemos de mulher.

Fui encontrá-lo de novo na ABI, da qual vinha a ser presidente. Agora íamos falar de política. Ele me acolheu com a mesma simpatia de sempre, como a um velho amigo. Elegância de maneiras, porte distinto e fidalgo: o último varão da República. Cabelos brancos, curtos e bem penteados, suspensórios, chapéu e bengala ao sair à rua, apertando a mão de cada um quando chegava ao serviço, do contínuo ao diretor. Observador e participante dos acontecimentos mais importantes da nossa vida política, mestre da difícil arte da conspiração. E torcedor do Madureira, por imperativo de modéstia (havia simpatizado com o clube do subúrbio quando um dia ao passar por lá, soube que era sustentado por um banqueiro do bicho); cultor da música popular por sensibilidade e vocação (tornou-se amigo de Donga e Ismael



Silva), a lucidez intelectual não lhe tolia o espírito generoso e apaixonado, capaz do reencontro com o amor em plena maturidade.

Depois de apresentar-me à sua secretária, fez com que me instalasse ao seu lado, tendo sobre a mesa, caprichosamente arranjados, um cinzeiro e quatro maços de cigarros: três "Gauloises" e um "General". Fumava e tomava café sem parar (o contínuo nos serviu naquele dia nada menos que seis xícaras, durante a conversa). Assegurou-me então estar gozando de boa saúde, mas confessou que já não bebia a sua cerveja ou uma cachacinha havia dez anos, pois simplesmente "deixara de gostar".

E durante cerca de três horas me falou no assunto que me levava a procurá-lo. Se em alguma coisa não concordei com ele, em nenhum momento deixei de sentir a grandeza de seu espírito público, a sinceridade de suas convicções e a sua inatacável honestidade de propósitos:

— De que maneira a Revolução de 64 correspondeu à minha expectativa? Seria mais fácil dizer de que maneira não correspondeu. Não se faz revolução com cerimônia, obedecendo a dispositivos legais irrelevantes.

5784
04/17 & 21
(2/3)

'Não sou apenas liberal e democrata. Sou republicano

Contou-me então que não somente deu ao movimento sua solidariedade, mas dele participou como conspirador. Já vinha conspirando desde a crise que sucedeu ao suicídio de Getúlio Vargas em 1954. Antes, sua atuação nos acontecimentos políticos se fez através da imprensa, como cronista parlamentar do "Diário Carioca" e do "Diário de Notícias". Sua opinião, sempre lúcida e nem por isso menos veemente, era buscada e acatada por vários líderes civis e militares. Ainda assim, não foi ouvido quando a queda da ditadura em 1945 não impediu que o ditador voltasse como presidente eleito em 1950:

— Getúlio não podia ter voltado. Nem mesmo como senador. Foi o primeiro erro.

O segundo, a seu ver, foi não ter prevalecido a tese da maioria absoluta, que ele sustentou na época com uma insistência pertinaz: um candidato que se elegia sem este requisito fundamental, a seu ver não representava a maioria do povo e não teria condições de governar:

— Não sou apenas liberal democrata, é preciso não esquecer: sou profundamente republicano. Creio no sistema republicano, tanto formal como substancial, baseado nos velhos postulados de liberdade, fraternidade e igualdade.

Em 1955 o fenômeno se repetiu: Juscelino se elegeu por uma insignificante maioria. Fez-se candidato de si mesmo, buscando o poder de qualquer maneira:

— Trazia consigo a falta de responsabilidade e de senso ético do seu estilo pessoal de governar, transferido precavidamente da área política, que contava com o respaldo de Lott como Ministro da Guerra, para o setor administrativo.

Nada havia a fazer, a não ser continuar conspirando, mas para ele Aragças não foi senão uma aventura de um punhado de jovens oficiais da Aeronáutica, cujo idealismo os impediu de ver que não se faz movimento sem nenhuma chance de vencer:

— Fui tido como inspirador e mesmo chefe, chegaram a falar em me prender. Na verdade, se dependesse de mim, não teria acontecido.

Jânio Quadros surgiu para ele como uma possibilidade de que o regime, sob o primado da moralidade pública, se libertasse dos vícios remanescentes da ditadura, sem que se apelasse para soluções extraleais:

— Mas elegeu consigo Jango Goulart, sendo em parte responsável pela "cristianização" de Milton Campos. Com a renúncia, cedeu lugar a Jango, que viria a representar no poder o mesmo espírito que prevalecia nos tempos de Getúlio, no que ele tinha de pior: o caudilhismo, o peleguismo que marcou sua presença no Ministério do Trabalho e do qual acabou sendo afastado. Depois, feito presidente, não havia como afastá-lo senão pela força.

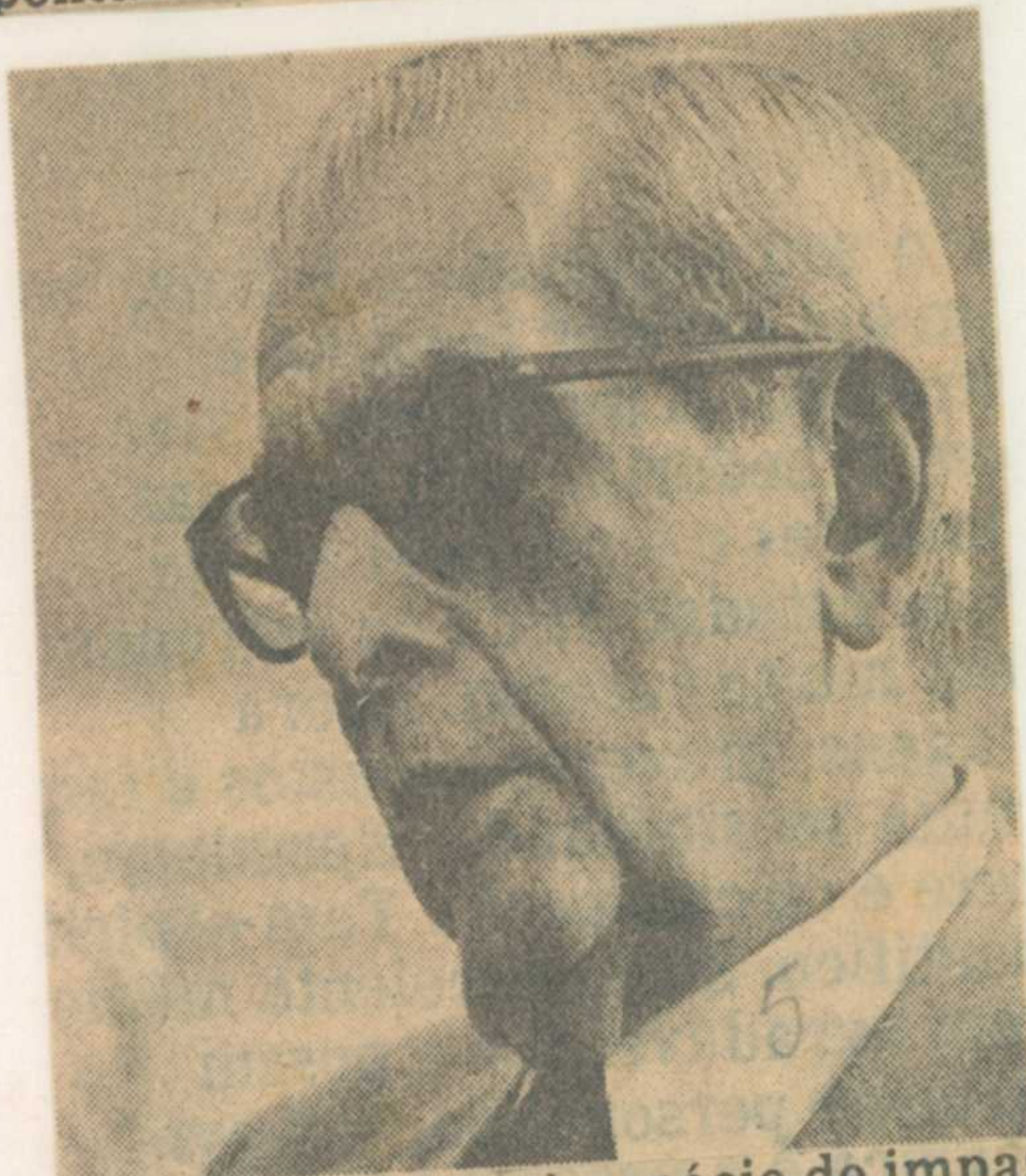
O parlamentarismo, para ele, foi uma solução ingênua, que atendia na realidade os próprios interesses de Jango: facilmente o Presidente se veria livre do parlamentarismo, como acabou conseguindo através do plebiscito.

— Daí em diante foi o que se viu — o incitamento à subversão da ordem, o envolvimento pela esquerda mais radical.

E Prudente, em voz pausada, ia comentando:

— Na verdade Jango sempre foi caudilhista. Mas os comunistas dentro e fora das Forças Armadas estavam prontos para tomar o poder. Não havia alternativa: ou o regime destruí o governo, ou o governo destruí o regime. E eu era favorável ao regime.

Passou a falar-me, então, em sua ativa participação na conspiração que desencadeou o movimento de março de 64. Agora, decorridos 13 anos, podia apontar serenamente os erros que con-



duziram o regime à espécie de impasse em que se encontrava:

— Era uma revolução, e portanto tinha de se afirmar como tal. Não foi o que aconteceu. As medidas tomadas foram cerimoniais, formalistas, legalistas, incompatíveis com o processo revolucionário. Uma revolução não pode manter a legalidade que se está derrubando. Não pode fingir que não é uma revolução, criando compromissos que a desvirtuam. Foram tomadas medidas arbitrárias, à base do tiro ao alvo. A revolução impõe a dissolução dos poderes. Não se faz revolução para eleger o chefe revolucionário à Presidência da República. Ele já é o Chefe do Governo e assume o poder, imposto pela própria revolução. Foi o que fez Getúlio em 1930, e estava certíssimo. Depois, sim, criadas as condições necessárias, pode-se estabelecer no país o regime democrático. E que isso se dê o mais rápido possível. A revolução não pode se prolongar indefinidamente, sob pena de se deteriorar. Em vez disso, Castelo Branco se rotulou presidente da república, elegendo-se com voto a descoberto. Quem iria votar contra? E houve até um acordo com Juscelino, o que era inadmissível. Com Costa e Silva foi a mesma coisa: não retomou o processo revolucionário, continuou formalista. Os líderes militares foram-se sucedendo no poder como presidentes eleitos, porque temiam a repercussão internacional — lá fora iam pensar que nós também éramos uma republiqueta de banana. Pois eu não estava dando um tostão pelo que fossem dizer lá fora — tive mesmo ocasião de afirmar isso ao Castelo. Os atos corretivos que esperávamos não saíram. O Congresso devia ser fechado — era melhor fechado que desmoralizado, no próprio benefício do futuro regime. O AI-5 não trouxe senão punições individuais, quando o que se fazia necessário eram mudanças políticas, como se fez em 1930 e 1937. Agora, a solução é liberalizar o regime. A repressão com desrespeito aos direitos humanos é contra o próprio AI-5 e não decorrencia dele. O AI-5 teve de existir para escorar o que foi erigido sobre ele. É um problema de sustentação, como na engenharia civil. Se tirar a escora, tem-se de substituí-la por outra, porque senão o regime cai. O que está impedindo que a situação se normalize é o AI-2, que extinguiu os partidos, e fez o que não podia fazer: criou outros. Partido não se cria. Ele surge, em consequência da polarização de forças políticas. O

que se devia fazer era criar condições de surgimento dos partidos — vários partidos. O pluripartidarismo é a solução. E a imediata liberalização da informação, a extinção da censura prévia. É a única maneira de acabar com os abusos do poder: denunciá-los. O que de maneira alguma ameaça o regime, pelo contrário: consolida-o. Nunca vi imprensa atentar contra o regime. Já vi, sim, governo se acabar porque atentou contra a imprensa. Duas vezes: na agressão a J.E. de Macedo Soares e no atentado a Carlos Lacerda.

Ante a observação final que lhe fiz, segundo a qual suas idéias se inspiravam num idealismo que o distanciava um pouco da realidade, Prudente sorriu:

— É isso mesmo. Mas o idealismo acaba se impondo à realidade. Quando Rui Barbosa afirmava que as pequenas nações tinham o direito de se entender com as grandes em igualdade de condições, o chamaram de idealista e até mesmo ingênuo. E hoje em dia seu ponto de vista acabou prevalecendo.

Lá fora se escurecera enquanto eu, esquecido de tudo, me deixava embalar pela fascinante conversa daquele homem terno e grave, lúcido e apaixonado, esclarecido e prudente, dos poucos que sabia a quantas andamos no tempo e no espaço, a quem eu sempre poderia perguntar que horas são.

5134
D4/17-cr21

(3/3)